

Haitianos no Paraná (Brasil) em 2018: estratégias em momento de crise

Recebido: 30-11-2018

Aprovado: 10-03-2019

Lorena Pereda¹

Pedro Marchioro²

Leonardo Cavalcanti³

Márcio de Oliveira⁴

Introdução

Estima-se que entre 4 e 5 milhões de haitianos, aproximadamente 50% de sua população total, encontrem-se em mobilidade fora de seu país. Dado seu papel histórico-social e importância econômica, a migração marca de tal modo a sociedade haitiana que é possível considerá-la uma “tradição” nacional (BAENINGER e PERES, 2017) ou mesmo um “elemento estrutural” (OLIVEIRA e KULAITIS, 2017; CAVALCANTI, 2014). Segundo Handerson (2015), a emigração dos haitianos tem efeito reverso, organizando laços sociais e econômicos, distinguindo e reposicionando indivíduos e grupos na estrutura social interna. Em resumo, pode-se afirmar que o fenômeno migratório assume um papel central na sociedade haitiana, desempenhando a função de um sistema que permite e, em alguma medida determina, o arranjo de seus elementos sociais e culturais: “é sistema porque é igualmente dotada de uma lógica própria, porque tem seus efeitos e suas causas próprias, bem como suas condições quase autônomas de funcionamento e de perpetuação.” (SAYAD, 1998, p. 105)

¹ Mestranda do Departamento de Estudos Latino-americanos (ELA/UnB), financiada pela Capes, e membro do Laboratório de Estudos sobre as Migrações Internacionais (LAEMI). Peru. Email: lorenapercord@gmail.com

² Doutorando pelo programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, financiado pelo CNPq, e membro do grupo de pesquisa “Imigrantes haitianos no Paraná: preconceito, integração e capital de mobilidade”. Brasil.

³ Professor da Universidade de Brasília (UnB) e Coordenador Científico do Observatório das Migrações Internacionais – OBMigra. Brasil. Email: leo.cavalcanti.s@gmail.com

⁴ Professor Titular de Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Brasil.

Ainda segundo Sayad, o sistema-migração transborda os limites que demarcam as fronteiras nacionais, colocando os próprios Estados-nação como componentes que alimentam o funcionamento mais amplo do sistema:

Por durar tanto, por se generalizar a ponto de se tornar um dado estrutural de todos os países desenvolvidos e, mais fundamentalmente, por se institucionalizar sob a forma da oposição intrínseca entre um mundo da emigração (que tende a se confundir com o mundo do subdesenvolvimento) e o mundo da imigração (mundo identificado com o mundo desenvolvido) e, dessa forma, por se universalizar, a imigração acabou por se constituir em um *sistema* (SAYAD, 1998, P. 105).

Ainda segundo Sayad, toda imigração envolve, necessariamente, uma emigração, ou seja, o espaço de onde o imigrante é originário, de modo que a migração diz respeito a um percurso, ou melhor, a um *processo*. Dessa forma, o migrante torna-se, a um só tempo, (i)emigrante constituindo-se num novo tipo de agente transnacional ou transfronteiriço, que também carrega uma condição subjetiva complexa. Enfim, mesmo que as condições dos Estados de origem encontrem-se em uma relação de interdependência com os Estados de destino, o entendimento dos fluxos migratórios atuais exige do pesquisador ou pesquisadora uma aproximação e tratamento diferente das entradas e saídas, possibilitando assim uma análise mais aprofundada dos marcos macro e estatais. Isso porque, de certa forma, a imigração subverte os espaços nacionais para formar novos espaços transnacionais, com seus sujeitos e lógicas próprias (WIMMER *apud* BAENINGER e PERES, 2017).

Metodologia

Esse estudo está baseado nos dados da pesquisa “Imigração e crise econômica. As táticas migratórias de retorno e circularidade dos haitianos”, realizada no interior das atividades do Laboratório de Estudos sobre Migrações Internacionais (LAEMI) do Departamento de Estudos Latino-americanos da Universidade de Brasília (ELA/UnB) e financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF).

O desenho multimétodo e multisituado da pesquisa foi construído sobre um conjunto de dados obtidos através da aplicação de entrevistas semi-estruturadas e da realização, entre os dias 3 e 13 de agosto de 2018, de um grupo focal na cidade de Curitiba-Paraná. O trabalho empírico constitui-se da análise de um grupo de 32 entrevistados homens e mulheres haitianos maiores de idade, em situação laboral e familiar diversas, empregados (as) e desempregados

(as), solteiros (as) e casados (as), com e sem filhos (as). Saliente-se enfim que as falas apresentadas neste trabalho são anônimas e, quando citadas, são utilizados pseudônimos respeitando a intimidade e identidade dos participantes.

O Projeto Migratório e os Entraves do Estado-Nação

Desde meados do século XIX, os Estados têm sido atores que regulam os processos migratórios. Segundo Cavalcanti (2017), "o imigrante só existe a partir do dia em que ele cruza as fronteiras do Estado nacional" (p. 401). Para Jarochinski (2017), a migração é um fenômeno que, em primeiro lugar, desafia as prerrogativas soberanas dos Estados, ao permitir ou não o acesso de não nacionais em seu território. Com efeito, o Estado é a entidade encarregada de regular os fluxos migratórios em primeira instância. É uma tarefa que é parte fundamental de sua soberania, que se traduz em suas políticas migratórias, e para as quais monopoliza os meios e mecanismos legítimos de regulação dos movimentos fronteiriços (REIS, 2004, p. 150). Meyers (2004 apud SICILIANO 2013) afirma que "a política migratória é o fator determinante dos padrões de circulação. Dado o grande contingente de pessoas que desejam migrar para os países desenvolvidos, por questões econômicas ou políticas, bem como o limite estreito de oportunidades para isso, são as políticas de controle de imigração que determinam acima de tudo o escopo da migração global, inclusive a imigração ilegal" (p. 16). Nessa perspectiva, as assimetrias de poder que permeiam as relações entre Estados e a ordem de gestão estatal da migração estão subordinadas às relações de poder estrutural, tradicionalmente sujeitas aos graus de soberania e de influência. Contudo, mesmo "as condições dos Estados de origem também influenciam a maneira como os Estados de destino dão proteção aos estrangeiros" (PACHECO, 2017, p.281).

Arango (2000) afirma que embora haja "espaços caracterizados pela associação relativamente estável de uma série de países receptores com um determinado número de regiões de origem" (p. 42), eles não foram além de um plano descritivo "limitado até agora à parte mais estável do sistema, que são os países localizados na extremidade receptora" (p 43). Por seu lado, a Teoria do Sistema Mundial repousa sobre as posições estruturais que resultam da relação entre Estados e os deslocamentos migratórios resultantes da expansão de mercados e hierarquias globais que, de certa maneira, invisibilizam a participação ativa dos imigrantes (MASSEY, 1999, p. 45). Já para Sayad (1998), a migração é um processo inerentemente

desafiador porque questiona várias áreas da vida social, servindo de base para inovar, fortalecer e desenvolver práticas e políticas diversas. A gestão das migrações seria assim uma tarefa complexa que aproxima os níveis macro e micro sociais. É

Uma tarefa de Estado que requer, simultaneamente, atingir os objetivos de seu mercado de trabalho, proteger a segurança nacional, minimizar os gastos públicos, promover coesão social, honrar as obrigações decorrentes dos direitos humanos, promover a cooperação e o desenvolvimento internacional e, além disso, estar ciente de que esses objetivos podem, em algum momento, ser conflitantes (Spencer, 2003). (SICILIANO, 2013, p. 14).

As ações estatais alinham-se à crítica ao “nacionalismo metodológico” (WIMMER apud BAENINGER e PERES, 2017, p. 121) à qual, em certa medida, os estudos migratórios estavam ancorados. Com efeito, esse campo de saber esteve tradicionalmente dentro de um paradigma em que os imigrantes eram tomados como estranhos à cultura local (supostamente superior) e que, em consequência, deveriam ser a ela assimilados (OLIVEIRA e KULAITIS, 2017). Contudo, esse partido foi superado tanto pelos avanços epistemológicos que extrapolaram sua articulação conceitual quanto pelo próprio modo como as migrações passaram a se apresentar (WIEVIORKA, 2008).

Segundo o modelo clássico de interpretação - *push-pull factors* (Lee, 1966), as migrações globais seguem uma direção que vai desde o sul subdesenvolvido até o norte desenvolvido. Contudo, há nessa perspectiva uma dinâmica marcadamente economicista que ditaria as variáveis gerais das migrações, em que os migrantes tenderiam a deixar suas regiões (mais) precárias em recursos, para alcançá-los naqueles países que os prometessem em maior volume e qualidade. Estes países seriam supostamente aqueles que compõem a América do Norte, a Europa ocidental e a Escandinávia. No entanto, desde o final do século passado este curso vem sofrendo alterações. As dinâmicas migratórias ganharam novo impulso sob os imperativos contemporâneos. A globalização tornou o mundo mais fluido e instável, abrindo-se em novos circuitos que redesenharam as configurações postas até a segunda metade do século passado (WENDEN, 2013; BAUMAN, 2003; CASTEL, 1998). Nesse novo cenário, vemos as redes e as diásporas se estabelecerem como circuitos migratórios inteiramente novos, transbordando as antigas fronteiras nacionais e chegando mesmo a desafiá-las em seus braços institucionais (AUDERBERT, 2012; SAYAD, 1999; PORTES e WIND, 2004).

Gammeltoft-Hansen (2012) afirma que o Estado pode combinar seu poder político com outros atores no contexto migratório, mas será ele, em última instância, que manterá as

responsabilidades sob as leis internacionais: “although the means and actors through which human right obligations are realized may change in the course of privatization, states maintain ultimate responsibility under international law” (p. 138). É importante salientar contudo que, nesse caso, a governança pública do Estado não é substituída. A governança migratória é influenciada por instituições governamentais e internacionais (NYRBERG e GAMMELTOFT-HANSEN, 2012, p.15). Há uma reorganização da soberania do Estado; não a perda do controle mas o estabelecimento dele por outros meios. A governança migratória é, portanto, um arranjo complexo e de multicamadas que apaga as interseções entre o privado e o público (GAMMELTOFT-HANSEN, 2012, p. 129-134).

Segundo Zolberg (1999, p. 73), as migrações internacionais não são apenas causadas pelos "legislative enactments" ou meramente pela ação única do Estado. Contudo, ele permanece sendo um ator central na formação de fluxos e nas formas que esses fluxos adquirem (REIS, 2004, p.150). Por outro lado, a mera oposição entre nacionais e não nacionais tem perdido espaço na formulação de políticas de gestão da migração (REIS, 2004, p. 157). Essas políticas incluem hoje outras formas de regulação legitimadas pela "comunidade transnacional, por meio de códigos e convenções internacionais, e em leis de direitos humanos, independentemente de suas cidadanias em um Estado-nação [...] o acesso aos direitos, que eram definidos pela nacionalidade, passam a ser codificados em termos de humanidade internacional, uma nova forma de *membership* que transcende as fronteiras do Estado-nação.” (REIS, 2004, p. 158).

A migração é um processo que produz consequências políticas. Além disso, decorre de negociações entre países e, em diferentes níveis, entre "indivíduos, famílias, grupos organizados da sociedade civil, sociedades, os países e ainda com os blocos transnacionais" (BROWN-GORT, 2016). A esse respeito, Reis (2004) afirma que “as políticas de migração refletem o dissenso dos diferentes atores políticos, dentro e fora do Estado, sobre a construção de suas fronteiras.” (p. 161). Em meio a tudo isso, os próprios migrantes são cada vez mais atores de seus projetos migratórios e, assim, colocam-se no olho do furacão. Diversas razões estão na origem de seus projetos. A título de exemplo, encontramos situações que vão desde a vontade de melhoria de vida, o que envolve a dimensão econômica, passando pelo desejo de “ter uma nova experiência em outro país” ou “a facilidade que se pôs para migrar”, dentre outras. Na esteira da complexificação do mapa global, abre-se a possibilidade para pensar as novas subjetividades, os novos *habitus* aí constituídos.

Esse processo do provisório e do definitivo, eis a hipótese, é gerador de um novo habitus. Para além das angústias, desajustes e temores em relação ao que se deixa para trás ou em relação às expectativas futuras, as novas disposições (os novos habitus) inculcam nos indivíduos a possibilidade real, o desejo cultural de migrar. É o que entendemos por habitus imigrante (OLIVEIRA e KULAITIS, 2017, p. 42).

É, pois, através de seus projetos migratórios oriundos de problemas locais junto às possibilidades, por eles vislumbradas, de desenvolvimento de algum aspecto de sua vida, que reinventam percursos, redesenham mapas, articulam redes e abrem novos vórtices daquilo que se tem denominado “diáspora” (GILROY, 2001; AUDEBERT, 2012; SAYAD, 1999) ou “novas migrações” (WENDEN, 2013; BAENINGER e PIRES, 2017). Portanto, é nos agentes migrantes, enquanto espaço de inscrição dos processos que se pode analisar as variáveis determinantes dos novos fluxos migratórios.

Segundo Oliveira e Kulaitis (2017, p. 15), os projetos migratórios dos agentes são, em grande parte, a consequência do habitus migrante internalizado e da quantidade de capital de mobilidade acumulado. O capital da mobilidade deve ser entendido como o conjunto de “bens (simbólicos e materiais) que se apresenta sob a forma de conhecimentos migratórios - formalidades administrativas, procedimentos de viagens, domínio de línguas estrangeiras e costumes - e posse de documentos (cartas de estadia, passaporte ou contratos de trabalho). Esse capital é adquirido pelo indivíduo através de experiências próprias ou de indivíduos próximos, oriundos de seu grupo familiar ou étnico, e podem ser transferidas e/ou compartilhadas (OLIVEIRA e KULAITIS, 2017, p. 42).

Por seu lado, o habitus é um sistema de disposições que permite antecipar o resultado das práticas sociais “*tudo como se a probabilidade a posteriori ou ex-post de um acontecimento, que é conhecido a partir de uma experiência passada, comandasse a probabilidade a priori ou ex-ante que lhe é subjetivamente auferida*” (BOURDIEU, 2000, p. 259⁵). No caso dos percursos migratórios, Oliveira e Kulaitis (2017, p. 42) afirmam que o habitus torna-se uma espécie de “conjunto de disposições adquiridas que funcionam como princípio gerador de representações e práticas migratórias. Tem sua origem e formação nas experiências migratórias pessoais ou vivenciadas, ainda que apenas discursivamente, no interior do grupo étnico e/ou familiar. Esse tipo de habitus se apresenta como fonte de inspiração e como facilitador dos percursos migratórios.” Como mostramos a seguir, os migrantes, que incorporam esse habitus e que herdaram ou conquistaram esse tipo de capital,

⁵ A tradução é de nossa autoria e os grifos são do original.

findam por considerar as leis e políticas de gestão das migrações como estruturas objetivas manipuláveis no cotidiano de seu próprio mundo social, transformando-as em critérios de suas próprias potencialidades migratórias.

A Diáspora Haitiana no Brasil

A despeito das desigualdades econômicas que a globalização não só conserva como reforça, um novo mapa migratório emergiu nas últimas décadas no interior do continente latino-americano. Esse novo mapa realçou espaços inéditos de emissão e de acolhimento. Essa nova geografia vem produzindo migrantes com novos perfis, intenções e estratégias distintas, oriundos de regiões que apresentam novas causas para a emigração ou simplesmente trânsito, como é o caso dos países do Magreb e do próprio Brasil (WENDEN, 2013; BAENINGER e PERES, 2017). A unilateralidade dos lugares de partida (o hemisfério sul pouco desenvolvido) para lugares de destino (hemisfério norte desenvolvido), que marcou a segunda metade do século passado, parece hoje borrada. De acordo com Bernardt (2016, p. 116) “o Brasil não é mais o país de imigração dos séculos XIX e XX, nem o país de emigração das décadas de 1980 e 1990. Somos hoje um país de imigração e emigração, trânsito e retorno de brasileiros”. A imigração haitiana toma parte nesse novo cenário.

Em relação ao Haiti, pode-se afirmar que a imigração, forçada nos intentos de colonização por parte dos espanhóis e os franceses, e a emigração tem sido intensas e ocupam um lugar fundamental na história desse país. Seguindo a Dieme (2018)

A Revolução Haitiana, um marco da história do Haiti, da América e do mundo moderno – e que é muitas vezes deliberadamente marginalizada –, e os vestígios da configuração étnico-racial construída durante a colonização, são devedoras de um processo migratório forçado atrelado a uma superexploração do trabalho de escravizados da África negra em território caribenho que, no entanto, souberam se organizar e derrotar um sistema parasitário que, paradoxalmente, os desumanizava. (p. 19).

Em termos históricos, os primeiros grandes grupos de haitianos deixaram sua terra natal com destino à República Dominicana e a Cuba “como fruto de um processo de “envio” para o trabalho que envolveu intervenção política (DIEME, 2018, p. 22). Para Duran e Gonzáles (2016), o predomínio do fluxo haitiano na República Dominicana “tem sido histórico e produto dos distintos desastres naturais [tradução nossa]” mas também das distintas políticas implementadas por esse governo nos últimos anos (p. 35). Outro país de destino deste fluxo são os Estados Unidos. Handerson (2015) encontra como causa principal

da migração haitiana aos Estados Unidos, a ocupação do Haiti e a influência cultural por parte desse país. Além disso, “a busca por trabalho num país cuja moeda garante maior poder de compra e que apresenta maiores possibilidades de emprego e renda é um dos fatores de atração que os Estados Unidos têm sobre cidadãos de diversas partes do mundo” (DIEME, 2018, p. 23). A busca por postos no mercado de trabalho explica ainda a migração para algumas cidades do Canadá, cujo interesse se acentua, no caso da província do Quebec, que partilha com parte da população haitiana o uso da língua francesa. Em resumo, a emigração haitiana em direção aos países do norte global “desde a independência até o fim do século XX, [esteve] estreitamente ligada à economia (busca por trabalho) e à política (por conta do isolamento infligido, da instabilidade das instituições do Estado, das políticas econômicas impostas ao país, das suas ditaduras, das ocupações militares)” (DIEME, 2018, p. 26)

Em sentido distinto, o hemisfério sul é caracterizado pelas migrações inter-regionais e pelos deslocamentos circulares e pendulares entre fronteiras vizinhas. No caso da América do Sul, Argentina, Chile - escolhido como sociedade receptora especialmente pela ideia de ser um país “próspero, estable y asequible” (DURAN e GONZALES, 2016, p. 36) - e Brasil são os principais países de chegada, especialmente da imigração haitiana (BAENINGER e PERES, 2017).

Baeninger e Peres (2017) mostram que, desde o século XIX, a emigração é um elemento estrutural daquele país. De natureza socioeconômica, sua história está relacionada aos frequentes distúrbios políticos, guerras civis, oscilações econômicas e catástrofes naturais. O surgimento do Brasil como destino dos haitianos tem a ver com a abertura de suas fronteiras e o acolhimento legal, com direito ao trabalho nos mesmos termos de um nacional. Na contramão do exemplo brasileiro, depois do terremoto de 2010, a França endureceu ainda mais suas políticas de acolhimento de haitianos (BAENINGER e PERES, 2017). Em certa medida, somada à crise recente na Europa e Estados Unidos, esse conjunto de fatores aumentou ainda mais a imigração ao Brasil. Em decorrência disso, nos últimos anos, os haitianos tornaram-se o primeiro grupo no mercado de trabalho formal brasileiro e, a despeito da crise dos últimos anos, não parecem dispostos a partir. Surge aqui um aparente paradoxo: como explicar a presença e permanência do fluxo em um país com altas taxas de desemprego? A partir das respostas obtidas junto ao grupo entrevistado, apresentamos a seguir uma análise da forma como alguns haitianos e haitianas têm reagido aos reveses sociais e econômicos

enfrentados, incluindo aí uma reflexão sobre os diversos constrangimentos sociais existentes nos espaços de circulação e de sociabilidade por eles frequentados.

Sobre o Projeto Migratório Enquanto Categoria de Análise

O dinamismo dos processos migratórios imbrica-se às demandas dos próprios migrantes e à sua capacidade de influenciar (direta ou indiretamente) os próprios fluxos graças às disposições incorporadas e aos capitais adquiridos no país de origem, em paralelo com as forças estruturais que os modelam nos níveis nacional e internacional (ZOLBERG, 1999). O imigrante tem, embora nem sempre reconhecido, o "poder de fazer, de empreender e de inovar" (FERREIRA NUNES, 2017, p. 90), graças à bagagem de recursos que o ajuda a deter a expansão da vulnerabilidade em suas rotas migratórias potencializando, em sentido inverso, seu acesso a bens e serviços. Os atores migrantes podem, inclusive, superar os obstáculos das rotas migratórias graças às estratégias e ao conhecimento acumulado ao longo das mesmas. Esse acúmulo de informações converte-se em um tipo de capital, e passa a funcionar como estrutura estruturante (BOURDIEU, 1990). Dito de outro modo, como princípio gerador de práticas migratórias que se retroalimentariam durante o processo de deslocamento. Essas disposições (habitus) apresentam-se de forma distinta em cada agente, dependendo da dialética singular que envolve o jogo da interiorização da exterioridade (OLIVEIRA e KULAITIS, 2017). Portanto, uma vez que dificilmente se repetem os processos de internalização e externalização, tais disposições não são atributos universais. Por fim, deve-se ter em mente ainda que as trajetórias migratórias são influenciadas pelo desenvolvimento de políticas e regulamentações estatais. Essas normas e regulamentos devem ser pensados não segundo critérios de fixidez e de estabilidade, mas a partir de um diálogo com as particularidades que os próprios fluxos migratórios embutem e devem ser relacionadas à necessidade que tem o Estado de manter o controle sobre o dito conteúdo nacional (WIEVIORKA, 2008).

Tomando os projetos migratórios como unidade de análise, partimos de conceitos elaborados por Bourdieu (1990; 1998; 2000; 2013) no intuito de pensar a relação entre as estratégias dos agentes migrantes na sociedade de acolhimento e seus projetos migratórios⁶.

⁶ Com efeito, a referência à Teoria da Prática de Bourdieu (2000) foi se mostrando adequada ao longo do trabalho de coleta e construção de dados.

Em termos teórico-empíricos, tomamos as práticas migrantes como resultado da incorporação das disposições adquiridas no contexto de emigração, colocando-as em relação à posição social ocupada na sua própria estrutura social. Em seguida, analisamos essas mesmas práticas como resultado do processo de exteriorização/ativação destas disposições no contexto imigratório, também de acordo com a posição social que veio a ocupar na pirâmide social do país para o qual imigrou. Como podemos ver, o habitus imigrante diz respeito a um mundo dividido em dois universos, o de partida e o de chegada. Epistemológica e metodologicamente, isso significa que a reconstrução deste habitus exige a compreensão da gênese deste processo em dois universos distintos, no caso em tela, Haiti e Brasil.

Por seu lado, a categoria “projeto migratório” diz respeito ao percurso entre fronteiras. Ainda no local de partida, antes e durante a tomada de posição de emigrar, o migrante procura antecipar suas chances objetivas de sucesso de acordo com as informações recolhidas e projetadas em um futuro que ele visualiza mentalmente. É exatamente isso que propõe Bourdieu (2000) ao afirmar que a probabilidade de sucesso de uma ação depende do ajuste das expectativas subjetivas às chances objetivas. Assim, o planejamento ou os projetos migratórios são elaborados de acordo com o grau de conhecimento (o que implicará na capacidade de antecipar o sucesso) dos espaços sociais nos quais os migrantes pretendem se instalar. Tal operação mental não é natural; ela diz respeito tanto ao modo como foram construídos os habitus migratórios quanto ao contexto de sua produção e da posição na qual os destinos migratórios estão dispostos: França e Estados Unidos estando na parte superior do quadro enquanto Brasil e países da América Latina na parte inferior. Há, portanto, um mercado migratório de destinos buscados que se ajusta aos capitais acionados para alcançá-los. É dessa forma que analisamos os projetos migratórios dos haitianos entrevistados, como mostramos mais adiante.

A Reconstrução dos Projetos Migratórios

Segundo relatos dos haitianos entrevistados, desde a tenra infância, a sociedade haitiana de forma geral e os grupos sociais em particular lhes apresentam a migração como uma necessidade e uma virtude; numa palavra, como uma espécie de continuação natural da vida (HANDERSON, 2015). Ainda segundo Handerson (2015), o enraizamento da migração no Haiti pode ser apreendido pelo modo como os termos que a definem apresentam-se em sua estrutura linguística e nas diversas formas de interação social. No Haiti, o termo *diáspora*

indica um projeto e um modo de vida, mas também uma valoração hierárquica, misto de necessidade e de expectativa. Migrar é uma forma de se relacionar com o tempo-espaço; é o modo como os diversos significados semânticos se encadeiam no interior do universo haitiano. Em consequência, a sociedade haitiana surge como o exemplo perfeito de lócus social de produção do habitus migrante. Nesse país, esse habitus seria melhor visualizado uma vez que sua sociedade assume precocemente a migração como condição de vida e prática necessária (BAENINGER e PERES, 2016).

Todavia, se a migração assume uma condição quase natural no horizonte das práticas possíveis, o Brasil nunca foi o destino preferido (BAENINGER, 2017; OLIVEIRA, 2016), como nos revela Robert:

“Falar de imigrante é difícil...porque cada um tem uma história diferente. Por exemplo, cada haitiano que você vai encontrar no Brasil é uma literatura diferente. É uma história desde lá no Haiti até aqui. Por exemplo, se eu vou falar do meu caso, para mim, vir aqui no Brasil não é uma coisa que você vai acordar um dia e vir para o Brasil... Desde pequenininho a gente tinha a ideia para viajar mas não é especificamente o Brasil que a gente vai escolher. [...] Todo haitiano, o único sonho que ele tem é viajar.”

Os destinos mais procurados, como visto, ainda são os Estados Unidos, França, Canadá e Caribe, chamados pelos próprios entrevistados de “pays blancs”. O Brasil surgiu como uma opção viável, apresentando certas vantagens (“le géant du sud”), como nos revela Nirvard. Foi o incentivo do tio que fez que ele abrisse seu campo de possibilidades, e assim, o Brasil foi incluso como possível destino migratório:

“Sobre a questão de por que os haitianos vieram pra cá, certo? Tipo eu, no meu caso, porque cada um tem sua vida particular. Eu vim pra cá porque eu estava estudando lá e eu tenho meu tio que está na França, na Europa, certo? Ele estava fazendo um procedimento pra mim ir lá, só que eu não conseguia porque o visto era muito complicado, muita burocracia, sabe? Mas ele falou bem assim “então, ou você me esperar até que eu consigo essa oportunidade pra você ou você vai pro outro país”. Mas como eu já passei lá no Equador, porque a maioria das pessoas sabe que o Equador tem uma atividade bem melhor que aqui -o que eu acho, certo? Mas escolhi vir pra cá porque pela seleção mesmo do futebol, porque os haitianos gostam, certo?”

Outra questão levantada foi sobre o modo como o Brasil apareceu em suas representações mentais, para que a “escolha” se materializasse. Todos os entrevistados demonstraram ter algum tipo de conhecimento sobre o Brasil, embora alguns se guiassem apenas pela influência do futebol. Segundo Badria, “*o sonho do meu esposo era conhecer Brasil [...] porque nós somos pessoas muy torcido por el futbol do Brasil. E o sono de nós é ter dinheiro, vir pro Brasil e olhar o futebol mesmo. [...] Meu sonho é vir para o Brasil olhar o jogador que eu adoro.*” Esse conhecimento apaixonado aparentemente atinge grandes

proporções, com impacto inclusive em certas práticas sociais, como revelou outra entrevistada: “[...] *alguns chegam a apostar a casa, a empresa, e as próprias mulheres nos jogos do Brasil*”.

Em outros casos, porém, registramos a busca por informações precisas. Benjamin, por exemplo, declarou “*estudar os mapas dos países, e incluir o Brasil em seus estudos assim que decidi, junto à família, vir para cá*”. É, todavia, aquele conhecimento concreto, “do mundo da rua”, como dizia Schutz (2010), que tem maior valor e é mais procurado. Muitos haitianos trouxeram em seus discursos a questão das redes como dispositivo fundamental para a obtenção de informações que pudessem substanciar a ideia de migrar para o Brasil. Nestas redes, construídas através de laços de parentesco e/ou de amizade, mas atualizadas sobretudo através das redes sociais (Facebook, Whatsapp, dentre outras), as questões mais relevantes não foram aquelas que diziam respeito à busca por informações gerais, dados populacionais, situação econômica, etc. Ao contrário, as perguntas que buscaram ser respondidas para o fortalecimento dos projetos migratórios giravam em torno dos elementos indispensáveis para a sobrevivência. De maneira geral, as questões centrais resumiram-se à possibilidade de contratação, tipo de trabalho e salário correspondente, gastos com aluguel e outros insumos, possibilidade de estudar e riscos ligados à prisão e à deportação. Isso nos remete ao que Baeninger e Peres (2017) denominam “migração de crise”, a saber, aquela migração marcada pela urgência de produzir as condições mínimas de sobrevivência e que, portanto, assenta-se nas necessidades mais básicas, como o trabalho, o consumo e a moradia. Porém, como fator relevante, surgiu aqui o estudo, ou seja, o desejo de continuar a formação escolar.

A Re-Construção dos Interesses e Aspirações

Uma das aspirações que frequentemente veio à tona durante o trabalho de campo diz respeito à possibilidade de começar ou continuar os estudos (geralmente universitários) no país de acolhimento. Se considerarmos que as aspirações refletem os espaços sociais de constituição destas mesmas aspirações subjetivas, e que a aspiração à cultura ou ao conhecimento em sua forma institucional está ligada às posições sociais relativamente próximas ao centro de consagração destes capitais (BOURDIEU, 1983), podemos inferir que as aspirações manifestadas pelos entrevistados indicam que eles provêm dos estratos mais elevados da sociedade haitiana. Há, entretanto, uma ressalva a ser feita. Por ser uma sociedade

onde a migração é um traço secular, sendo inclusive uma das razões do provimento dos recursos para a manutenção da vida de seus habitantes, seria necessariamente verdadeira a relação entre capitais e projetos migratórios? Dito de outra maneira, de que modo a necessidade de acumular capitais explica os projetos migratórios?

De forma geral, assume-se que a trajetória de ascensão social está relacionada à carreira escolar. É interessante perceber contudo que, numa sociedade percebida como estagnada ou como incapaz de propiciar carreiras profissionais que permitam a mobilidade sócioeconômica, esse desejo de ascensão só possa ser realizado alhures, ou melhor, em terra estrangeira. Assim, no Haiti, investir nos estudos parece ser uma estratégia que reforça o potencial migratório e a empregabilidade em outros países. Nesse sentido, os estudos, o aprendizado efetivo da língua francesa e outras práticas (como o aprendizado de formalidades administrativas ou formação de redes) seriam recursos que se acumulam para o posterior investimento em projetos migratórios, um tipo de patrimônio que Oliveira e Kulaitis (2017) definem como “capital mobilidade”.

Dentre os entrevistados, foi unânime o desejo de começar ou terminar um curso de graduação. Dentre os diplomados, encontramos o desejo de dar continuidade à qualificação profissional. Entrevistamos ainda haitianos que vieram fazer uma segunda graduação, cursos de pós-graduação e mesmo doutorados, como é o caso de Paul que atualmente faz doutorado em pedagogia, investindo todo o seu tempo e energia nessa formação. Contudo, em seu relato, Paul afirmou que sua qualificação é tão elevada para o mercado de trabalho, que os possíveis empregadores evitam contratá-lo para não pagar o salário que merece. Mesmo assim, questionado a avaliar o resultado de sua expectativa em relação às carreiras no ensino superior (motivo principal de sua vinda ao Brasil desde a República Dominicana), respondeu que “vai muito bem”.

Analisando o depoimento de Loundie, a formação escolar parece desempenhar outras funções, seja no interior da comunidade, seja no grupo familiar mais restrito:

“É bom é que nós haitianos estão estudando na universidade federal. Mesmo eu não estou estudando na universidade federal mas eu fiquei feliz porque a gente está comendo, a cabeça está se alimentando melhor e se um dia a pessoa diz que ‘ah, não quer ficar no Brasil’, ‘voltar no país’, mas voltar não é a mesma pessoa que saiu do Haiti e vem aqui. Voltar é a pessoa que tem a cabeça que pode ajudar aos outros lá”

Com efeito, a presença de um imigrante haitiano nos bancos de uma universidade parece enviar um sinal positivo aos outros membros da comunidade. Além disso, parece

cumprir o efeito pretendido no projeto migratório que, regra geral, se viabiliza com recursos do grupo familiar. Segundo relatos dos entrevistados, os haitianos e haitianas que vem para o Brasil o fazem devido a presença de parentes seja nos Estados Unidos, seja no Canadá ou mesmo no Brasil. Dentre esses que chegaram no Brasil com a ajuda de parentes instalados em outros países, o objetivo era desobrigar os últimos das remessas que faziam aos que ficavam. Nota-se assim que a migração de um ou mais membros de uma família é um projeto coletivo de todo o grupo. Segundo evidências, a migração parece criar uma relação de responsabilidades mútuas entre aqueles que partem e aqueles que ficam. Essa responsabilidade está ligada à manutenção daqueles que contribuíram para o projeto de quem partiu ou à devolução dos recursos eventualmente alocados no emigrante. Assim, quando aquele que partiu contribui para uma nova migração esse laço pode ser rompido ou eventualmente transferido para outro migrante.

Notamos aqui o papel central da família como unidade básica no processo de formação das redes migratórias. Badria migrou, como pode-se ver abaixo, utilizando as redes e, ao fazê-lo, tornou-se um de seus elos:

“Eu fui convidar minha mãe, porque meu sonho é fazer minha mãe viajar e aí eu pedi para minha mãe vir conhecer o Brasil. Minha mãe decidiu que não quer viajar porque ela é de idade e não é pra ela, e melhor que eu faça isso para outro. E aí eu convidei outro irmão, ele não aceita e fui convidar ele [apontando para outro participante]. E ele disse beleza tudo, e veio aqui para ficar comigo.”

Bastante próximo do caso de Badria, Sheedy afirmou ter viajado diretamente desde o Haiti com o consentimento e apoio financeiro dos pais que já residiam no Brasil: “*Eu estou com meu pai, minha mãe, minha tia e meu irmão. Meu pai veio primeiro, e depois veio pra cá nós três*”. Outro de nossos entrevistados, Cedric, tem história semelhante. Ele foi o primeiro membro do núcleo familiar restrito a vir para o Brasil. Para o deslocamento, contou com a ajuda financeira de um tio; um primo que já havia migrado foi quem o recebeu. Em seu relato, afirmou ainda que há certo desinteresse em viver nesses países que figuram destinos mais buscados, como França e Estados Unidos, dadas as próprias condições relatadas pelos parentes e amigos que migraram e vivem nestes locais. No momento da entrevista, depois de três anos de Brasil, Cédric está reunindo recursos para trazer sua esposa⁷ e filha, que

⁷ A variável gênero não foi trabalhada na pesquisa. Contudo, o trabalho de campo revelou a existência de práticas distintas para mulheres e homens migrantes. Uma das razões disso são os circuitos clandestinos de migração, que oferecem riscos de exploração e violência. As mulheres seriam poupadas ou desincentivadas a

continuam no Haiti. Em consequência, pode-se afirmar que o Brasil e países vizinhos passaram a constituir novos destinos privilegiados de imigração, modificando o desenho geográfico da diáspora haitiana:

-Você mantém contato com eles, com os haitianos que estão fora do Brasil?

- O tempo todo.

- E eles falam como é que é lá, se é melhor, se é pior, se vale a pena ir pra lá?

- Sim... perguntam se é bom, se o brasileiro contrata nós. Porque tem pessoa que sempre quer saber como o brasileiro contrata nós. E, pra mim, acho que o Brasil é o melhor país que contrata haitianos bem. É melhor que França, Estados Unidos... Porque quando uma pessoa chega lá na França, não é fácil pra você trabalhar, um haitiano. Não é fácil. Não é fácil também pra você sair na rua. Se você sai na rua o policial vai pegar você e mandar de volta lá pro Haiti. Por exemplo, eu cheguei aqui no Brasil ilegal, quando eu cheguei fiz todos meus documentos, fui lá na Policial Federal e fizeram toda minha documentação.

Os relatos acima confirmam duas hipóteses já verificadas. Primeiro, o fato do Brasil não ser o destino prioritário dos haitianos. Trata-se de uma solução que se tornou possível, em consequência de novas restrições impostas por outras países e da abertura do Brasil. Não obstante isso, o Brasil vem se tornando atraente. Segundo, temos comprovado que o processo migratório se faz através de redes de apoio cuja existência futura depende daqueles que partem. O deslocamento dos fluxos migratórios haitianos dos países centrais aos países periféricos, como Brasil ou Argentina, explica-se, como dito, pela facilidade de entrada e trabalho nos últimos. Contudo, a manutenção dos fluxos depende também da qualidade e da extensão das redes migratórias que vão sendo construídas. Esses exemplos confirmam ainda o papel central da unidade familiar na constituição dessas redes e a maneira, quase umbilical, como os laços sociais foram se tecendo. Demonstram enfim que a migração aproxima e socializa, mas também pode libertar graças aos capitais que permite acumular.

Finalmente, a cidade de Curitiba como destino pode nos dar indicações dos processos sociais postos em ação nos percursos migratórios e trajetórias de inserção nas sociedades de acolhimento. Colhemos relatos que indicam uma avaliação bastante positiva da cidade. As condições de vida, tanto em termos de emprego com em termos de segurança, seriam

correr tais riscos. Por isso, elas são orientadas a migrar num momento posterior, por vias mais seguras, como o transporte aéreo, o que resgata ainda o papel das redes.

superiores às aquelas oferecidas em cidades como São Paulo ou Porto Alegre, onde alguns dos entrevistados moraram anteriormente: “A razão que me faz escolher Curitiba...quando a gente faz uma pesquisa, ela aparece como a cidade mais tranquila do Brasil, Curitiba. A gente gosta de um lugar que tem paz” (Denes). De outro, temos as redes. Nivard diz ter vindo à cidade porque “[...] meu primo já estava aqui [...] ele que me convenceu”.

A “Crise” Econômica e suas Implicações nos Projetos Migratórios

Durante as entrevistas, nos referimos aos reveses econômicos como a “crise do Brasil”. Tentamos ainda controlar a “imposição da problemática” de que fala Bourdieu (2003; p. 233), isto é, suposição de “que toda a gente pode ter uma opinião [...], que a produção de uma opinião está ao alcance de todos [...], que todas as opiniões valem o mesmo [...]e que há um consenso sobre os problemas”. Por outro lado, a análise da situação econômica, das formas de inserção e das experiências no mercado de trabalho foi conduzida de modo a não naturalizar dados sobre desemprego ou desempenho da economia, de modo a controlar nossa influência sobre as percepções dos entrevistados no tocante à realidade que eles efetivamente vivenciam. Finalmente, partimos da hipótese segundo a qual o aumento do desemprego, por exemplo, só deveria ser sentido por haitianos que já estão no Brasil há pelo menos quatro anos e, por isso, dividimos nosso grupo entre aqueles que haviam chegado antes e depois de 2015.

Lembremos inicialmente que os imigrantes haitianos encontram-se na ponta mais precária do mercado de trabalho, lidando muito provavelmente com duras condições de vida. Contudo, é possível que estejam percebendo a “crise do Brasil” como uma condição normal da experiência imigrante, uma situação da qual “não se pode piorar”. Efetivamente, a “crise do Brasil”, tal como encontra-se descrita nos órgãos de imprensa, simplesmente não apareceu nas falas dos entrevistados. Assim, para entender como os entrevistados vivenciam “crise do Brasil”, ampliamos nossa reflexão em direção às dificuldades que eles vêm enfrentando desde o ano de 2014, período exatamente anterior à queda do PIB e ao aumento do desemprego. Na entrevista que realizamos no grupo focal, um dos participantes afirmou:

“A economia, a crise, não é o problema. A crise econômica é uma coisa que ajuda a entender melhor como funciona essa sociedade. Os problemas que temos agora não é problema de agora. Já existia. [...] O haitiano vê a crise [como] social, porque a crise não é só econômica. Ficamos [só] analisando a questão econômica...para mim é bom, mas para entender melhor como funciona essa

cidade, eu sempre dou um exemplo. Uma mulher haitiana que chegou aqui há dois ou três meses, por causa da cor dela, conseguiu um emprego [escondido na cozinha] que é porque ela é negra, haitiana negra. Portanto existe o problema da economia...as vezes para conseguir um emprego não é só a crise econômica. É mais do que isso.”

No grupo focal, o tema da crise surgiu ligado à questão do racismo. Com efeito, o preconceito racial foi frequentemente citado como o principal obstáculo enfrentado, embora tenha sido igualmente considerado como algo que não deve ser levado em conta “*para não dar força àquele que utiliza do preconceito para inferiorizar*”, como afirmou Lena. Outro entrevistado referiu-se à questão como uma “*bobeira, uma perda de tempo*”, algo que só existiria na cabeça daquele que discrimina racialmente:

“Em nós, infelizmente, a cor é mais identificável. Por exemplo se vocês veem um negro na rua... é migrante. Quando eu digo, por exemplo Lorena, Lorena não é migrante, se ela não fala ninguém vai saber que é do Peru, porque a cor dela é quase igual à dos brasileiros, sabia? Mas nós que são negro...qualquer lugar que nós chegamos... ‘o migrante! o haitiano!’ [...] pra mim não é uma coisa de economia” (Robert)

Deste modo, o preconceito de que nos falam os imigrantes, seja ligado aos atributos físicos e comportamentais (cor, vestimenta, modo de ser) ou à condição de estrangeiro, está presente na representação que se faz do imigrante, o que impacta a ativação dos capitais acumulados. É isso que Becker (2008) denomina “constituição performática” do mundo social objetivo, isto é, a capacidade de produzir discursivamente uma realidade a partir de ações orientadas por uma crença ou perspectiva: “se os homens definem situações como reais, elas se tornam reais em suas consequências” (BECKER; 2008, p. 12). Dito de outra forma, o preconceito, existente nas estruturas cognitivas, acaba se materializando em estruturas sociais e, assim, transformam-se em constrangimentos de fato. O mercado de trabalho estaria previamente codificado, contendo dispositivos (de classificação e de discriminação) que, em função das representações que seus traços corporais assumem nas estruturas cognitivas dos agentes que permeiam as estruturas sociais, alteram as oportunidades de trabalho dos imigrantes. Leticia Mamed, investigando os haitianos que trabalham nas indústrias de abate de frango na cidade de Cascavel, interior do Paraná, constatou a mesma realidade. De acordo com a autora, a análise do percurso laboral dos haitianos no Brasil

Demanda uma análise à luz da relação dialética do negro e do branco no mercado de trabalho assalariado, que evidencia o movimento de rebaixamento e exploração da força de trabalho negra e de outros grupos sociais em uma sociedade de base escravista. Ao conservar os traços característicos de sua formação social, a sociedade brasileira apresenta uma estrutura sexual e

racionalmente hierarquizada do seu mercado, estando a maior parte da população, em particular mulheres e negros, nos estratos mais baixos e de menores salários (MAMED, 2015; p. 156-157).

Robert relatou como vivenciou sua essa situação nesses termos:

Eu tô há cinco anos no Brasil. Já fiz um curso de eletrônica aqui. Eu nunca [estive] fora da escola. E eu tô fazendo mais um de eletrônica. Eu sempre estou estudando. Olha, esse aqui é o curso que eu tô fazendo (me mostra uma pasta abarrotada de diplomas e certificados). Eu estou sempre estudando. Sabe o que eu vi no horário de intervalo? Tem um monte de haitianos que estão estudando no centro e eu nunca vi um conversando com um brasileiro. Primeiramente, nós temos medo, porque já vimos muitos casos de brasileiros matar haitianos. Não pode namorar com brasileira. Tem um amigo meu que arrumou uma namorada brasileira e estava andando na rua e passou um brasileiro e falou: ‘Ó! Pa! Pa! (Simulação de tiros). Vou te matar. Você está aqui só pra trabalhar’. Já vi isso, com meu próprio olho, lá em Pinhais, eu vi um caso assim. Lá na escola também é assim. Você conversa com brasileiro dentro da sala durante pouco tempo. Mesmo assim, se você tem vontade pra conversar não dá oportunidade. Isso é uma coisa bem clara que ninguém precisa ter um estudo bem longo prá entender isso. Outra coisa. Chegou aqui no Brasil você vai lar ver, em cem empresas, você vai ver o cargo dos haitianos. Trabalha só na produção, limpeza... Por exemplo, eu cheguei no Brasil. Eu tenho um estudo [de] cinco anos na economia... Onde eu trabalhava eu cheguei com um diploma de economia. Já tinha uma experiência de quatro anos através da ONG que eu trabalhava lá no Haiti com cargo responsável (decisivo). Eu não vou pedir pros brasileiros “aceita meu diploma”. Eu cheguei no Brasil [e] tudo bem. Eu fiz um curso de solda, eu comecei a trabalhar como soldador. Eu fiz um curso de dois anos. Meu auxiliar, pessoa brasileira que trabalha como auxiliar meu, fez um curso de ferramentaria seis meses. Na minha cara (na minha frente) ele já passou. Uma área de ferramentaria, que tem mais conforto. Tudo bem. A empresa deu e eu não vou pedir favor prá ninguém. Tudo bem. Mas isso também prova uma coisa: porque eu [que] tenho um estudo de dois anos... eu tenho um monte de certificado na área de metalúrgico, curso soldador... um monte eu fiz. Eu nunca parar de estudar [e] pessoa (seus superiores) só me deixava como soldador? Eu fiz mais um, iniciei mais um [e] a pessoa fica[va] só me olhando. Mesmo que eu [tivesse levado] o diploma lá, nada aconteceu. Eu vi pessoa lá, qualquer brasileiro que fazem cursinho já passava prá frente, [conseguia] um cargo mais [elevado]. Isso tem uma definição prá mim. Isso é uma coisa que vale. Porque nós, haitianos que vem pro Brasil, vem pra trabalhar. É isso que qualquer pessoa fala na rua: ‘povo trabalhador’, ‘negão gente boa’. É isso, isso é a literatura de nós. Isso é o lado dos brasileiros.

Outros entrevistados detalharam, nos termos abaixo, o que é ser imigrante durante a “crise do Brasil”:

“Falam só sobre trabalho, mas entra a discriminação dentro da saúde, mesmo dentro da universidade. [...] mas, com a crise, não sei o que aconteceu com as pessoas. Voltou a acontecer que as pessoas vão no posto da saúde a discriminar: ‘os haitianos só sabem fazer criança’, uma coisa que não tem sentido dentro de uma saúde que é público, para todos [...] E mesmo pessoas... não sei. Se a pessoa não sabe lidar com o imigrante, pergunta, procura entender a pessoa porque mesmo os brasileiros que saem do país para outro, sofrem. [...] Quando sai do seu país e entra no outro país, você já tem um problema porque não sabe a língua, mas aqui em Curitiba, o frio, a comida, mesmo a comida é o mesmo mas tem coisas diferentes, a mudança de cultura já é um problema.” (Loudie)

“Tudo isso vai gerar uma crise que nós temos que virar pra sair. O Brasil, pra sair dessa crise, precisa também de ganhar mais... que o Brasil que quer que a política brasileira fica melhor mas os migrantes [...] nós conhecemos a questão dos bolivianos também. Uma questão que a gente não fala, mas exploração existe. Exploração que os haitianos também têm, mas a mídia fala o que quer falar. Nós estamos fazendo uma pesquisa para ver como acompanhar, por isso que eu gosto deste trabalho que vocês estão fazendo para entender as condições dos haitianos, mas tudo isso vira uma

bagunça para entender como está acontecendo. Cada grupo...tem os venezuelanos que também estão passando por dificuldades como nós, ... mas tem haitianos que estão bem de vida, tem os que estão passando por dificuldade. Tem muito...tem brasileiros que também estão passando por dificuldade...”

As dificuldades de inserção no mercado de trabalho só são superadas graças à atuação das redes. Com efeito, elas agem como “uma forma de capital social, na medida em que se trata de relações sociais que permitem o acesso a outros bens de importância econômica, como o emprego e os salários mais elevados [tradução nossa]” (ARANGO, 2000, p. 42). Se para Faist “as redes constituem um novo nível de relação intermediário entre o plano micro de adoção de decisões individuais e o plano macro dos fatores determinantes estruturais⁸” (1997; p. 42), para Gurak (1992) as redes migratórias são o recurso de transmissão de mecanismos adaptativos:

“Mesmo que estou trabalhando, estou sempre orientando gente [sobre] onde que tem vaga. Eu tenho [o contato de] todas agências de trabalho. Eu tenho e-mail, meu e-mail eu cadastro em todas agências, aí quando tem vaga aí eu sei que tem vaga. [...] eu fiz contratar mais de dez haitianos na empresa Procópio. Eu fico dentro de todo círculo porque é um lugar onde você chega e tem que procurar tudo. Eu fiz aliança com umas mães religiosas que são conhecidas por essa empresa, agência. A mãe me recomenda aí na agência [...] aí levo você que está desempregado [apontando para um dos participantes].”

Goudi comentou assim essa questão:

“Aí comecei trabalhar e o patrão gostou de mim. Aí tavam precisando de outro garçom e aí eu indiquei ele. Aí ele entrou e começou trabalhar [...] e através de mim também outros amigos conseguiram entrar”

Por fim, considerando apenas o grupo focal, a maior parte dos nossos entrevistados pertencente às faixas etárias mais elevadas faz parte de associações de migrantes haitianos cujo objetivo é melhorar as condições de vida e contornar situações de dificuldade. Existe no discurso desses entrevistados uma chamada às práticas de empoderamento e de ação solidária:

“Nós podemos usar nossa comunidade, vamos se unir e fazer alguma coisa. [...] não é Brasil que é assim, são todos os países. [...] nós temos que, tipo, parar de chorar. [...] É isso, parar de chorar. Vamos a tomar isso como “eu aprendi uma coisa, foi difícil cara”. Ontem eu passei por aquilo, hoje não vou passar, entendeu? O cara que vai chegar hoje, eu que cheguei lá em 2014, vou falar ‘cara eu passei por aquilo não quero que você passe’. ‘Já passei isso, você... aqui tem um buraco, você tem que pular, entendeu?’ Pára, pára, pára. Eu vou passar prá você as experiências [...] Vamos chorar juntos, vamos lutar juntos”

Em resumo, as estratégias dos próprios migrantes frente aos desafios econômicos são absolutamente relevantes para interpretar a permanente redefinição das relações de solidariedade e de conflito.

⁸ Tradução nossa

Conclusões

Os atuais fluxos migratórios vêm desafiando os Estados nacionais. Todavia, a globalização dota o mundo de maior fluidez e instabilidade, processos esses que tensionam as linhas mestras que demarcavam as fronteiras institucionais ao longo do século passado. De certa maneira, os novos fluxos, como o caso da migração haitiana no Paraná apresentada nesse trabalho, revelam dimensões locais desse processo geral.

Investigamos aqui os próprios agentes migrantes, valendo-se de uma metodologia do nível macro ao nível micro, conforme as exigências do plano prático de investigação. Como vimos, as condições sociais dos países de origem influenciam a maneira como os países de destino aparecem no horizonte dos projetos migratórios. Ao elaborar o projeto migratório o imigrante antecipa o lugar de destino de acordo com as informações sobre as condições locais, isto é, com as informações que lhe chegam através das redes migratórias, da diáspora e dos variados canais de comunicação. É com base nesse conjunto de informações que ele constrói o lugar de destino e as ações que nele imagina poder empreender.

Por outro lado, a perenidade do processo de migração parece repousar em circuitos sociais e territoriais construídos. Graças aos recursos acumulados a cada ciclo migratório, e que amenizam as chances de exposição à vulnerabilidade e às adversidades, os migrantes vivenciam em seus primeiros investimentos nos territórios escolhidos. É a consolidação das redes e das infraestruturas migratórias, iniciadas nessas ramificações inéditas da diáspora haitiana, que tem se refletido no Brasil e outros territórios do sul, propiciando uma migração menos arriscada. Isso explicaria ainda porque territórios como o Brasil passaram a ser atraentes aos projetos migratórios de mulheres, crianças e outros perfis migratórios antes freados pelos riscos que estes destinos desconhecidos embutiam.

Resgatamos aqui a tese segundo a qual a migração é elemento central na própria cultura haitiana. Porém, os modos de fazer frente aos reveses sociais e econômicos que os imigrantes haitianos e haitianas encontram no Brasil surgem de dinâmicas próprias aos destinos escolhidos. A Teoria da Prática de Bourdieu (2000) procurou destacar a parte ativa e estratégica dos agentes migrantes cujas escolhas refletem tanto o processo de elaboração e concretização de seus projetos migratórios quanto o acúmulo de disposições adquiridas no contexto de emigração em seu país de origem.

Durante as diferentes etapas da pesquisa, ao analisar material colhido durante as entrevistas individuais e grupais, tentamos reconstruir os projetos migratórios. As falas dos entrevistados apontaram para horizontes migratórios organizados em função da hierarquia de destinos pretendidos. De fato, parece clara a hierarquia clássica que coloca, no topo, os países do chamado “norte global” ou os “*pays blancs*”, como dito pelos haitianos, como Estados Unidos, França, Canadá. Por outro lado, porém, em uma espécie de subversão, registramos o surgimento de uma nova hierarquia, apontando o Brasil e outros países do “sul global” como lugares mais procurados. O Brasil passou, assim, a ter um lugar nos projetos migratórios haitianos, na parte superior da hierarquia dos destinos. Vários fatores explicam isso.

O imaginário em torno do Brasil é positivo. Contudo, assenta-se tanto em informações genéricas, como a paixão pelo futebol brasileiro, quanto pela crença na semelhança do clima e nos traços culturais. Porém, na decisão de migrar para o Brasil, foi importante também o conhecimento mais aprofundado da economia, da situação do mercado de trabalho e das possibilidades colocadas pelo sistema público e gratuito de ensino. Em termos específicos, a opção por Curitiba parece sustentar-se em três fatores principais. Primeiro, o mercado de trabalho, que é percebido como mais robusto. Em segundo lugar, os elevados índices de segurança e de tranquilidade, em comparação com outras cidade. Em terceiro e último, a oferta de serviços educacionais. Com efeito, a possibilidade de iniciar ou continuar a formação escolar (principalmente em nível superior) tem funcionado como um forte atrativo. Em síntese, a percepção da cidade como um espaço propício à realização do projeto migratório parece explicar ainda o desejo de permanecer no Brasil, a despeito das dificuldades econômicas.

A crise econômica, uma das questões centrais abordadas durante as entrevistas e conversas informais, insere-se, como vimos, no quadro mais amplo das dificuldades gerais vivenciadas. Porém, manifesta-se claramente em relação ao mercado de trabalho. O desemprego coloca em risco projetos futuros e mesmo as interações sociais cotidianas, inclusive no trabalho. Chama a atenção aqui a questão do preconceito, descrito como atos racistas ou xenófobos⁹. A pesquisa de campo confirmou: os haitianos trazem nos corpos, nas falas, ou mesmo nos gestos corporais sua estrangeiridade que, algumas vezes foi percebida

⁹ É possível supor que os atos discriminatórios estejam direta ou indiretamente ligadas ao contexto de crise, arrefecendo-se ou se amenizando conforme a sua oscilação.

como ameaça, mormente no mercado de trabalho. Em reação, os entrevistados encontraram novas formas de resistência, por exemplo, ativando seus recursos e competências (capital de mobilidade) incorporadas no decorrer da experiência migratória.

Além disso, diversos elementos de desconforto foram percebidos no cruzamento das informações recolhidas em campo e nas falas dos entrevistados, assim como nas estratégias, subjetivas e objetivas por eles levada a cabo para lidar com as dificuldades cotidianas. A percepção da crise amplia-se em um cenário onde o haitiano ou a haitiana empreendem formas de resistência ou formas de ação em relação aos entraves que os contextos lhes impõem.

De maneira geral, os modos de fazer frente aos reveses sociais e econômicos que os participantes encontram no período vivido no Brasil, incluindo os constrangimentos sociais informais e sutis que vicejam nos espaços de circulação dos imigrantes, parecem estar sendo driblados pelas competências incorporadas no contexto de origem, na preparação da ação migratória. Aqui também, *habitus* e capitais acumulados – seja na forma de diplomas, participação em redes e experiências migratórias diversas – parecem ser os principais dispositivos que diferenciam as práticas dos migrantes, suas formas de lidar com o cotidiano e de organizar estratégias futuras.

Referências

ARANGO, Joaquín. *Enfoques conceptuales y teóricos para explicar la migración*. 2000

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Paris: Ed du Seuil, Coll. Essais, 2000.

_____. Prefácio. In: SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. *O senso prático*. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudo sobre identidades desviantes*. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

BAENINGER, Rosana e PERES, Roberta. Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*, Belo Horizonte, v.34, n.1, p.119-143, jan./abr. 2017.

BENTOLILA, Alain; GANI, Léon. Langues et problemes d'éducation em Haiti. In: *Langages*, 15 année, n° 61, 2016.

BERNARDT, Maria de Lourdes et al. Diáspora haitiana: primeiros estudos sobre impactos para o desenvolvimento urbano e regional nas regiões sul e norte do Brasil. *Cadernos Ceru*, v.26, n. 1, 2016.

BROWN-GORT, a. Los efectos políticos de la migración. Foreign Affairs Latinoamerica. ITAM, 2016. Disponible en: <<http://revistafal.com/los-efectos-politicos-de-la-migracion/>>

CAVALCANTI, Leonardo et. al. *Dicionário crítico de migrações internacionais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017

CAVALCANTI, Leonardo. in: CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antonio Tadeu; TONHATI, Tânia (Orgs.) *A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro*. Brasília: Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais, 2014.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antonio Tadeu; TONHATI, Tânia (Orgs.) *A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro*. Brasília: Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais, 2016

DIEME, Kassoum. O Haiti e suas migrações. Em: *Dinâmicas migratórias haitianas no Brasil: desafios e contribuições* n. 49/50 (2017)

DURAN, Mauricio García e GONZALEZ, Gian Paola Sánchez. La movilidad humana en América Latina y el Caribe vista a la luz de los flujos migratorios más críticos. En: *Refugio, Migracoes e cidadania*. Caderno de Debates 11, dezembro 2016

FERREIRA NUNES, Brasilmar. Capital Social. En: CAVALCANTI, Leonardo et. al. *Dicionário crítico de migrações internacionais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017

GAMMELTOFT-HANSEN, Thomas. the rise of the private border guard. Accountability and responsibility in the migration control industry. En: NYBERG SORENSEN, Ninna y GAMMELTOFT-HANSEN, Thomas. *The migration industry and the commercialization of international immigration*, 2012

GURAK, Douglas y CACES, Fe. *Migration networks and the shaping of migration systems*. 1992

HANDERSON, Joseph. *Diáspora: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. Tese (Doutorado de Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

HERNÁNDEZ-LEÓN, Rubén. The Migration Industry in the Mexico-U.S. Migratory System. *California Center for Population Research*. On-Line Working Paper Series. University of California, Los Angeles. Paper CCPR-049-05, 2005

JAROCHINSKI, João Carlos. Fluxos migratorios mixtos En: CAVALCANTI, Leonardo et. al. *Dicionário crítico de migrações internacionais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

LEE, Everett S. Theory of Migration. *Demography*, vol. 3, p. 47-87, 1966.

MASSEY, Douglas. Why does immigration occur? En: C. HIRSCHMAN, P. KASINITZ AND J. DEWIND. *The Handbook of International Migration: The American Experience*, New York: Russell Sage Foundation, 1999.

NYBERG SORENSEN, Ninna y GAMMELTOFT-HANSEN, Thomas. *The migration industry and the commercialization of international immigration*, 2012

OLIVEIRA, Márcio de. Imigrantes Haitianos no estado do Paraná em 2015. In: GEDIEL, José A. P.; GODOY, Gabriel G. de (Org.). *Refúgio e Hospitalidade*. Curitiba: Kairós, 2016. p. 249-276.

OLIVEIRA, Márcio de; KUILAITIS, Fernando. Habitus imigrante e capital mobilidade: a teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos estudos migratórios. *Dossiê: migrações internacionais contemporâneas*, 2017.

PACHECO Pacífico, Andrea. Estado (de origen; de tránsito; de destino). En: CAVALCANTI, Leonardo et. al. *Dicionário crítico de migrações internacionais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017

PEDONE, Claudia. *"Tú siempre jalas a los tuyos"*. Las cadenas y las redes migratorias de las familias ecuatorianas hacia España. Tesis doctoral. Departamento de Geografía. Universitat Autònoma de Barcelona, 2004

PORTES, Alejandro e WIND, Josh de. *A Cross-Atlantic Dialogue: The Progress of Research and Theory in the Study of International Migration*. IMR Volume 38 Number 3, 2004.

REIS Rocha, Rossana. Soberania, Direitos humanos e Migrações internacionais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 19 nº. 55 junho, 2004.

SAYAD, A. *La double absence: des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré*. Éditions du Seuil, Paris, 1999.

_____. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2003.

SCHÜTZ, Alfred. O Estrangeiro – Um ensaio em Psicologia Social. *Revista Espaço acadêmico*, nº 113, 2010.

SICILIANO, Andres Luiz. *A política migratória brasileira: limites e desafios*. Dissertação (mestrado) UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2013

SPAAN, Ernst y HILLMAN, Felicitas. *Migration trajectories and the migration industry*. En: NYBERG SORENSEN, Ninna e GAMMELTOFT_HANSEN, Thomas. *The migration industry and the commercialization of international immigration*, 2012

WENDEN, Catherine Wihtol de. *La question migratoire au XXI siècle: migrants, refugies et relations internationales*. – 2ª ed. Paris: Presses de Sciences Po, 2013.

WIEVIORKA, Michel. L'intégration: un concept en difficulté. *Cahiers internationaux de sociologie*, 2008/2 (nº 125), p. 221-240.

ZOLBERG, A. "Matters of state: Theorizing Immigration Policy" En C. Hirschman, P. Kasinitz and J. DeWind. *The Handbook of International Migration: The American Experience*. New York: Russell Sage Foundation, 1999

Haitianos no Paraná (Brasil) em 2018: estratégias em momento de crise

Resumo

O presente artigo insere-se no conjunto de estudos sobre fluxos migratórios e inserção sócioeconômica de migrantes no contexto latino-americano. A análise apresentada diz respeito à pesquisa realizada durante o mês de agosto de 2018, junto a 29 imigrantes haitianos residentes na cidade de Curitiba (PR) e seu entorno. Através da aplicação de entrevistas semi-estruturadas e da organização de grupo focal sobre migração e inserção socioeconômica, apresentamos uma discussão sobre os modos de fazer desses imigrantes frente a crise econômica e de emprego que o Brasil experimenta desde 2015. Investigamos de forma específica como esse grupo de imigrantes vem enfrentando reveses sociais e econômicos – desemprego, moradia e perspectivas futuras - incluindo aí os constrangimentos sociais informais e sutis que existem em seus espaços de circulação e de sociabilidade. Utilizando como referencial a Teoria da Prática de Pierre Bourdieu (1930-2002), analisamos em que medida os percursos migratórios e as estratégias são o resultado de disposições incorporadas (*habitus*) e capitais adquiridos antes da migração, observando ainda o modo como as diversas práticas sociais e discursos são ativados e exteriorizados no trato cotidiano das situações vivenciadas na sociedade de destino.

Palavras chave: Haitianos, *habitus*, capital migratório, crise econômica.

Haitians in Paraná (Brazil) in 2018: crisis strategies

Abstract

The present article is part of set of studies on migratory flow and socioeconomic insertion of migrants in the Latin American context. The analysis presented concerns the research carried out during the month of August of 2018, together with 29 Haitian immigrants living in the city of Curitiba (PR) and its surroundings. Through the application of a semi-structured interviews and the organization of a focus group about migration and socioeconomic insertion, we present a discussion about the ways in which these immigrants can deal with the economic and employment crisis that Brazil has experienced since 2015. We specifically investigate how this group of immigrants is facing social and economic setbacks - unemployment, housing and future perspectives - including the informal and subtle social constraints that exist in their spaces of circulation and sociability. Using Pierre Bourdieu's Theory of Practice (1930-2002) as a frame of reference, we analyze the extent to which migratory journeys and strategies are the result of incorporated disposals (habitus) and acquired capitals even before the migration act, also observing how the diverse social practices and discourses are activated and externalized in the daily management of the situations experienced in the host society.

Key-words: Haitians, habitus, migratory capital, economic crisis.

Haitianos en Paraná (Brasil) en 2018: estrategias en momentos de crisis

Resumen

El presente artículo se inscribe en el conjunto de estudios sobre flujos migratorios e inserción socioeconómica de migrantes en el contexto latinoamericano. El análisis presentado se refiere a la investigación realizada durante el mes de agosto de 2018, junto a 29 inmigrantes haitianos residentes en la ciudad de Curitiba (PR) y su entorno. A través de la aplicación de entrevistas semiestructuradas y de la organización de un grupo focal sobre migración e inserción socioeconómica, presentamos una discusión sobre los modos de hacer de tales inmigrantes frente a la crisis económica y de empleo que Brasil experimenta desde 2015. Investigamos de forma específica como ese grupo de inmigrantes viene enfrentando los reveses sociales y económicos - desempleo, vivienda y perspectivas futuras - incluyendo allí las limitaciones sociales informales y sutiles que existen en sus espacios de circulación y de sociabilidad. A través de la Teoría de la Práctica de Pierre Bourdieu (1930-2002), analizamos en qué medida los itinerarios migratorios y las estrategias son el resultado de disposiciones incorporadas (habitus) y capitales adquiridos antes de la migración, observando también el modo en que las diversas prácticas sociales y discursos son activados y externalizados en el cotidiano de la sociedad de destino.

Palabras clave: Haitianos, habitus, capital migratorio, crisis económica.